

seus redatores crêem — e com razão — que a História da cultura representa em nosso tempo a atitude humanista, a expressão duma consciência vigilante que se volta para o passado mas que não perde contacto também com o presente.

Neste primeiro número colaboram José Luís Romero, com um interessante artigo intitulado *Reflexiones sobre la Historia de la Cultura* (pp. 3-14); Rodolfo Mondolfo, com *Trabajo y Conocimiento segun Aristoteles* (pp. 14-22); José Babibi, com *Las Grandes Etapas del Analisis Infinitesimal* (pp. 23-41); José Juan Bruera, com *Spinoza y las Ideas Juridicas en el siglo XVII* (pp. 41-53); Jorge Romero Brest, com *Reflexiones sobre la Historia del Cubismo* (pp. 53-63) e Vitor Massuh, com *Marti en los Estados Unidos* (pp. 64-71). Além desses artigos, a Revista apresenta ainda excelentes resenhas e interessantíssima e variada bibliografia.

No primeiro número de *Humanitas* há também abundante material bibliográfico e crítico, assim como excelentes artigos entre os quais destacamos os de Rodolfo Mondolfo, *Platon y el Concepto unitario de la cultura* (pp. 15-24); o de Diego Pro, *Interpretación del Ser en la Filosofia Griega* (pp. 41-97) e o de Emilio Carilla, *La Argentina de Cunningham Graham* (pp. 99-117), curioso inglês que escreveu uma biografia do nosso Antônio Conselheiro (*A Brazilian Mystic*).

As duas Revistas de cultura, a *Revista de História* cumprimenta e deseja prosperidade.

J. CRUZ COSTA.

---

BRASILIA. — Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. VII, Coimbra, 1952, 286 pp.

O Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra, a cuja fundação estão ligados os nomes dos Profs. Mendes dos Remédios, Teixeira de Abreu (que, se não nos enganamos, aqui viveu durante algum tempo) e o do Prof. Rebelo Gonçalves que, como é sabido, ensinou, na nossa Faculdade de Filosofia — acha-se agora sob a competente direção do Prof. Costa Pimpão, catedrático daquela Universidade.

Desde 1942, publicava aquêle Instituto, por iniciativa do Prof. Rebelo Gonçalves, a excelente revista que é *Brasília*, cuja finalidade consiste em revelar, a portugueses e a brasileiros, as semelhanças e as dissemelhanças que existem entre os dois povos que utilizam a mesma língua, mas cujo destino histórico, por via de circunstâncias diversas, nem sempre coincidem. *Brasília*, que é uma revista exclusivamente dedicada a assuntos culturais, presta assim um grande serviço aos estudiosos dos dois países de língua portuguesa. E é, com grande satisfação que a vemos partir agora para um novo período de existência.

Adstrita a essa nobre tarefa intelectual, a revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra é acolhida, por todos nós, com verdadeiro júbilo. Apresentamos aqui um sumário do que se contém neste número: uma conferência de Gilberto Freyre "Em torno de um novo conceito de tropicalismo" (pp. 3-17); "Portugal e o Brasil no Mundo de Amanhã" (pp. 19-33), do Prof. Amorim Girão; "A Margem das Reflexões de Matias Aires", de Jacinto do Prado Coelho, (pp. 35-82); "Sociedades médicas e o jornalismo médico no Brasil", do Dr. Divaldo de Freitas (pp. 82-92); "O Historiador da Nova Lusitânia: Francisco de Brito Freire", do Prof.

Lopes de Almeida (pp. 93-149) e “Alguns documentos de interesse para a história do Brasil”, de A. de Magalhães Basto (pp. 151-187).

Da *Vária*, destacamos: “Sobrado”, de Joseph M. Piel (pp. 191-199); “Presores-Bandeirantes”, de Torquato de Sousa Soares (pp. 201-207); “Jacob Jud”, do Prof. Serafim da Silva Neto (pp. 208-226). Na *Crônica* vêm ainda a saudação do Dr. Costa Pimpão ao nosso patricio Gilberto Freyre; as notícias da passagem, por Coimbra, da missão universitária paulista que recentemente esteve na Europa; nota sobre o doutoramento do Prof. Pedro Calmon, etc. Algumas críticas do Prof. Costa Pimpão (sobre obras de Augusto Magne, Clovis Monteiro e Alvaro Lins) enriquecem ainda o número VII da *Brasília*.

J. CRUZ COSTA.

BIBLOS. — Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. XXVIII. Coimbra, 1952, 596 pp.

Este número da revista *Biblos* é muito rico de matéria e, por isso mesmo, difícil de resenhar. Abre-o um trabalho do Prof. Lopes de Almeida sobre uma carta do nosso patricio, o vicentino frei Gaspar da Madre de Deus, o “beijinho dos paulistas”, como o chamou Capistrano. A carta, longa elouvaminheira, é dirigida a Bernardo de Lorena e datada de 2 de março de 1792. Nela o beneditino faz referência à *Calçada do Lorena* — que ele acabara de percorrer — e a outros assuntos, todos de grande interesse para a história de São Paulo. Vai aqui um trecho da carta na qual frei Gaspar descreve a serra e o seu novo aspecto, depois dos trabalhos ali mandados executar por Bernardo de Lorena: “*Eu não tenho palavras com que me explique a este respeito, e só o faria bem com as que a Rainha de Sabá disse a Salomão depois de o ouvir. Muito me louvavam esta obra (a Calçada) e eu pensava que os relatores falavam hiperbolicamente; mas, depois de ter subido a serra, e de tudo haver examinado com muita atenção, estou persuadido que foram diminutos os elogios, e outrossim, que a sabedoria de V. Exa. é maior e suas obras mais perfeitas do que se diz geralmente. Desculpa merece a minha incredulidade preterita; por quanto, depois de se ter concertado a serra tres vezes no dilatado curso da minha vida, e sempre pelo mesmo estilo com pouca diferença, não devia eu esperar o que nunca passou pelo pensamento de pessoa alguma que se devia de ver. Se eu não tivera certeza de que me conduziam pelo caminho de São Paulo, não havia de acreditar que a serra é a mesma, por onde eu havia feito seis viagens. Os perigos em que me vi noutro tempo, causaram-me tal horror que ainda hoje se conservam vivas na minha memoria imagens de passo tão medonho. Uma montanha escabrosa, sumamente alcantilada, que se supunha ter ao menos uma legoa de alto, fazendo conta pelo tempo que se gastava em a subir com passos vagarosos, a que dava motivo a pessima qualidade da estrada: um caminho ou, para melhor dizer, uma caverna tortuosa, profunda e tão apertada que nos barrancos colaterais se viam sempre reguinhos abertos pelos cavaleiros, os quais não podiam transitar sem irem tocando com os estribos naqueles formidaveis paredes; caverna na qual permaneciam em todo tempo degraos de terra escorregadia, e alguns tão altos que às bestas era necessario vencê-los de salto, quando subiam e arrastando-se quando desciam; uma viela lodosa, quasi toda cheia de atoleiros que succediam uns aos outros com breves interpolições de terreno povoado de pedrinhas facilmente deslocaveis, que mortificavam os*